

## ***A representação do diabo em um culto espírita na cidade de Brighton (1859)***

Devil's representation  
in the spiritualistic cult in the city of Brighton (1859)

*Túlio Augusto Paz e Albuquerque<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar um discurso específico que cria representações – inclusive diabólicas – sobre o Oriente, ainda no século XIX. A análise parte do texto produzido pelo escritor francês Léon Gozlan (1803-1866), através da observação de uma sessão espírita realizada na cidade de Brighton (Inglaterra), em 1859. A perspectiva acerca dessa reunião foi divulgada na imprensa da época e retransmitida também no Brasil, a qual foi traduzida e publicada no Diário de Pernambuco, ao longo de 5 edições em 1860. Na descrição do escritor francês, percebemos mais um artefato a corroborar com a teoria de Edward Said (2003), defendida na obra *Orientalismo: o Oriente como invenção Ocidental*. O interessante observado nesse fato é que a partir de práticas religiosas, também podemos refletir sobre a invenção do oriente pelo ocidente. Desse modo, pretendemos com este trabalho, refletir e questionar sobre a figura do diabo ser representada no culto espírita, em Brighton, através de Nana Sahib, líder indiano que viveu a primeira guerra de independência (1857-1858) contra os ingleses. Tal representação é tão forte no imaginário inglês que entra em contradição com os próprios postulados espíritistas sobre a existência do diabo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação. Diabo. Sessão espírita. Orientalismo. Nana Sahib.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze a specific discourse that creates diabolical representations – on the East in the late nineteenth century. The analysis of the text produced by the French writer Léon Gozlan (1803-1866), by observing an spiritualism cult in the city of Brighton (England) in 1859. The results about that meeting it was published in the local press of the time and also retransmitted in Brazil which was translated and published in the Diário de Pernambuco along five editions during 1860 the French writer's description, is a workmanship to confirm Edward Said's theory (2003) - *Orientalism: East and Western invention*. It is interesting to observe that also starting from religious practices, we can contemplate in the invention of the East for the Occident. Thus, we intend with this work, to reflect and question the devil figure be represented in spiritualist cult in Brighton by Nana Sahib, Indian leader who lived the first war of independence (1857-1858) against the British. Such representation is so strong in the English imagination that is against the spiritualistic theoretical bases about the devil's existence.

**KEYWORDS:** Representation. Devil. Session spiritualism. Orientalism. Nana Sahib.

### **Introdução**

O romancista e teatrólogo francês Leon Gozlan (1803-1866), nascido em Marselha, autor do romance *Échec à L'Éléphant*, e, de diversas peças teatrais nos gêneros dramas e comédias, teve inserção no Brasil em fins do século XIX e início do século XX. Machado de Assis (1873), o classificava como um dos romancistas franceses que seduzia a juventude

---

<sup>1</sup> Doutorando, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo (UPF).  
tulioaugustopaz@gmail.com.

brasileira. “Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do período romântico, os escritores que se vão buscar para fazer comparações com os nossos, [...] são ainda aqueles com que o nosso espírito se educou, os Vitor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozlan, os Nervals.”, também foi Machado de Assis a traduzir uma de suas peças teatrais, a comédia em quatro atos *Tributo a Mocidade*.

Em 1859, Leon Gozlan fez uma visita à cidade de Brighton na Inglaterra, na qual teve a oportunidade de observar uma sessão espírita para mais de três mil pessoas, e descreve sua perspectiva, que foi divulgada na imprensa da época e traduzida para o Brasil no artigo “Um Serão no Outro Mundo”, publicado no Diário de Pernambuco, ao longo de cinco edições durante o ano de 1860.

O Jornal Diário de Pernambuco, fundado em 7 de novembro de 1825, por Antonino José de Miranda Falcão (tipógrafo), no Recife, periódico mais antigo em circulação na América Latina, se dedica a acontecimentos internacionais, nacionais, estaduais e municipais em edições diárias, envolvendo em suas páginas conteúdos: políticos, econômicos, sociais e culturais.

A publicação do artigo “Um serão no Outro Mundo” entra na área de folhetim do jornal, espaço reservado a pequenas histórias curiosas, casos, descrições, eventos, que chamem a atenção do leitor, e este continue adquirindo-o em novas edições.

Sintonizado com o que ocorria no mundo, o Jornal Diário de Pernambuco transmite ao público brasileiro a tradução da descrição de Leon Gozlan sobre um culto espírita realizado na cidade inglesa. É bom salientar que não fora a primeira vez que este jornal, transmitia memórias acerca do contato com os fenômenos mediúnicos, tidos como “sobrenaturais”. No ano de 1853, este periódico transmitiu uma série de artigos a respeito da repercussão das “mesas girantes e volantes” no mundo, que mobilizou também o mundo científico, para alguns cientistas, as mesas eram movidas pelos próprios participantes, mas para outros cientistas, como o professor Denizard Rivail, eram os espíritos se manifestando. Para ele, não restava dúvidas sobre a veracidade das comunicações, é, a partir deste contato que o professor Rivail, posteriormente se transforma no codificador da doutrina dos espíritos (Allan Kardec), quando da publicação do Livro dos Espíritos em 1857, obra que pretendeu racionalizar o “sobrenatural”, naturalizando-o.

Este folheto se relaciona em seu contexto, com o início da expansão do Espirismo, em 1857, realizada pelo professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec); a expansão do sistema capitalista e as consequências do imperialismo inglês através da primeira guerra de independência Indiana (1857-1858).

O presente artigo visa responder às seguintes perguntas: É possível ter discursos específicos que criem representações diabólicas em um culto espírita? Quais memórias se relacionam a esses discursos? Como o imaginário “diabólico” torna-se a representação política do oriente pelo ocidente?

Em busca de refletir sobre estas perguntas, o texto irá apresentar o Espiritismo no século XIX; os discursos produzidos pelo culto espírita e a representação do “diabólico” e sua relação com o campo político.

### **O encontro do Ocidente e Oriente em um culto espírita**

Era 1859, estava há quase dois meses em Brighton (Inglaterra), essa não é das cidades mais divertidas, principalmente pelo inverno rigoroso, e aquele dia em especial era um dia muito aborrecido, ventoso, e borrifado por uma chuva glacial, cuidando com o terror de um parisiense a que distração recorreria para passar a noite. Tinha-me sentado na sala inferior da hospedaria, ao pé de um fogão monumental forjado em Manchester e percorria com os olhos lânguidos de aborrecimento e o de um sono prematuro, um velho volume de poesias inglesas de Shenstone, o julgamento de Hércules. Era uma ilusão contar com o poema de Shenstone para deitar até lá. Hércules mesmo não teria tido esse orgulho. Derrotou muitos monstros, mas desafiou-o a que vença sozinho uma noite de inverno em Brighton. Nesse momento supremo de ansiedade, senti tocarem-me familiarmente no ombro; virei a cabeça e o rosto risonho e loiro do filho do dono da hospedaria pareceu dizer-me: - Pelo jeito, senhor, creio que se não diverte sob o belo céu de Brighton? O meu rosto muito menos risonho respondeu-lhe sem dúvida: - Ah! Não me divirto nada em Brighton, apesar do seu belo céu! Tocado da minha profunda melancolia disse-me o jovem Hobbinol: - Agradar-lhe-á, senhor, assistir a uma sessão magna do Espiritismo? Pulei de alegria a essa proposição. - Quando terá lugar essa sessão magna? Perguntaram-lhe a minha boca, olhos, todos os meus sentidos ao mesmo tempo que entreviam uma tábua de salvação no naufrágio da minha noite. - Esta noite, respondeu-me o anjo Hobbinol. (GOZLAN, 1860, ed. 004 (I), p. 8)

O relato acima é do escritor francês Léon Gozlan em visita a Brighton, o qual é traduzido e chega ao Brasil no ano seguinte, em 1860, através da atenção especial do Jornal *Diário de Pernambuco* que o divulga fragmentado em cinco edições.

Seguindo o caminho deste relato, em especial, vemos como as ideias espiritistas se internacionalizaram rapidamente. O Espiritismo, ou Doutrina Espírita, nasce em 1857 com a publicação da primeira edição de *Le Livre des Esprits (O Livro dos Espíritos)*, por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte León Denizard Rivail (1804-1869).

Pedagogo, A. Kardec nascido na França, teve sua formação educacional realizada no Instituto Pestalozzi, em Yverdun, Suíça, e havia publicado inúmeros livros voltados para o ensino em geral. Ao longo de sua vida, manteve interesse também pelo chamado "magnetismo", fato esse que teria lhe conduzido a observar o "fenômeno das mesas girantes" e, posteriormente, se dedicado ao estudo dos fenômenos espirituais. (WANTUIL; THIESEN, 2004).

Já em 1859, na cidade de Brighton, região sul da Inglaterra, realizavam-se cultos espíritas para mais de três mil pessoas. Em 1860, o *Diário de Pernambuco*, divulga matéria especial sobre o Espiritismo, no estado mais populoso do Nordeste brasileiro.

De acordo com Stoll (2003), a chegada do Espiritismo no Brasil, dentro do contexto social da época, se associa a diversos segmentos que darão ao movimento recém-construído uma dinâmica e feição própria, por ela conceituada "Espiritismo à brasileira". Colombo (1998) destaca que, quando o Espiritismo consegue inserção nos fins da década de 1850, no Brasil, e principalmente na cidade do Rio de Janeiro, lá já se encontram inúmeras sociedades maçônicas, mesmerianas, homeopáticas, receptivas às ideias espíritas, além de uma tradição de mais de 300 anos dos cultos afro-brasileiros.

A utilização do conceito Espiritismo, nesse relato, também chama a atenção, haja vista que foi um conceito novo, criado por Allan Kardec para designar esta ciência-filosofia-religião, o Espiritismo.

Por Espiritismo, A. Kardec queria designar a construção de uma teoria doutrinária espiritualista, definida por ele como: "uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos;

como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações” (KARDEC, 2006: 54-55). É importante ressaltar, que no ano de 1859, Allan Kardec tinha publicado apenas *Le Livre des Esprits* (1857) e o *Qu'est-ce que Le Spiritisme?* (1859), os outros livros que ampliaram a chamada "codificação kardequiana", sendo vista por seus adeptos como as "obras básicas" do Espiritismo, só foram publicadas a posteriori, *Le Livre des Médiuns* (1861), *L'Évangile Selon Le Spiritisme* (1864), *Le Ciel et l'Enfer* (1865), *La Genèse selon Le Spiritisme* (1868).

O *Le Livre des Médiuns* (1861), em especial, é a obra em que Allan Kardec vai definir qual o melhor método para o exercício das práticas mediúnicas. A experiência mediúnica apresentada por Léon Gozlan tem um método próprio sob orientação do presidente da reunião espírita, o Sr. Arthur Daniel, a qual funcionava no clube de jovens Franco-Maçons.

O escritor francês Léon Gozlan (1859) acompanhado do jovem Hobbino chegaram ao clube franco-maçom, onde vai ser realizada a reunião espírita. Ele descreve toda a sessão sob liderança do Arthur Daniel, e o médium Ralph de Ralph. Em linhas gerais, a reunião era pública. Nesta, o escritor descreve que eram cerca de três ou quatro mil pessoas presentes. Apesar da orientação do presidente no início da reunião: “Pedimos em comum ao Ente Supremo que afastasse com sua mão poderosa os espíritos das trevas para não deixar chegar até nós senão espíritos benévolos, mansos, bons e favoráveis”, foram admitidas evocações de espíritos que não possuíam uma elevação espiritual. O público presente participava dando sugestões dos nomes a serem evocados, para responderem as perguntas através do médium.

Após conversarem com Sócrates, Master Packington e William Shakespeare, o presidente, Arthur Daniel, tira um papel com uma sugestão do público para evocar mais um espírito naquela noite.

O presidente ficou parado, não teve animo de pronunciar o nome que estava escrito no papelzinho.- Leia! Leia! - **Exigem? Pois bem! O nome é de Satanás.** Um murmúrio correu um estremecimento pela assembleia.- Exigiram, replicou o Sr. Arthur Daniel, que eu chame o velho fidalgo? (Na Inglaterra é o nome grotesco que dão ao diabo, *old gentleman*). Não, não é assim?- Não! Gritaram alguns, não, não!- Sim! Gritaram alguns outros, os espíritos fortes.- Não, não! Repetiram aqueles.- Evoque! Repetiram estes.- Evoque? Não evoque? **Evoque! Não evoque! Evoque!**- **Aqueles que são de opinião, disse o Sr. Daniel, refugiando-se para sair do aperto, nas formalidades parlamentares, aqueles que são de opinião, que eu evoque o**

**espírito do mal, queiram levantar a mão. Levantaram-se mãos em grande número.**- Os que são de opinião contrária, levantem-na também. Outras mãos ergueram-se, porém em número menor.- Senhores, disse o presidente pálido até a raiz dos cabelos, o diabo foi [escolhido]. Vou evocá-lo. Operou-se muito movimento do lado da porta; todavia afixo que ninguém saiu. **Todos temem o diabo; mas todos querem conhecê-lo.**- Sócrates, estais aí?- Sim, o que me quer?- Podes pôr-nos em comunicação com Satanás?- Não sei, disse Sócrates um pouco comovido, vou experimentar. Alguns minutos depois desse chamado singular e no mesmo instante em que se tornava provável que Sócrates nos trouxesse a extremidade do **laço de comunicação entre o rei dos infernos e nós**, reinou um incomodo visível na sala. Alguns bocejavam; outros tinham estremecimentos nervosos; alguns olhos molhavam-se de lágrimas; as luzes crepitavam, o ar fazia-se difícil, pesado, o calor insuportável. **A imaginação obrava de uma maneira poderosa, delirante sobre o corpo; tremia-se como nas proximidades de um vendaval.** A eletricidade saltaria em centelhas de cada cabelo dos espectadores se por acaso passa-se sobre suas cabeças uma varinha de aço. (GOZLAN, 1860, ed.8 (IV) p. 8) [grifo meu].

O desconhecido, o “sobrenatural” é tema recorrente no imaginário da história da humanidade, afirma Evelyne Patlagean (2003, p. 291) “[...] cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa tem seu imaginário.”. O imaginário por mais próximo do real é sempre representativo, pois nunca será o real, é uma produção, (re)produção daquilo que significa ou tem sentido para uma sociedade, grupo social em um determinado contexto histórico.

O médium, no caso em análise, é figura central que irá propiciar o contato com o “sobrenatural”. No relato de Leon Gozlan, é apresentado como o Sr. Ralph de Ralph. O médium, para o Espiritismo, é aquele que realiza o papel de intermediário entre o mundo material e o mundo dos espíritos. O médium está presente na história de diversos povos e grupos sociais em vários períodos, vindo a ser chamado por estes como: xamãs, profetas, pitonisa, pajés, sacerdotes dos oráculos, entre outros.

No relato do Leon Gozlan, havia pessoas que falavam com os espíritos de Shakespeare e Sócrates, sem receios, diferentemente de quando chamavam pelo Satanás e/ou Diabo, porém mesmo com receio todos desejavam conversar com o “diabo”, ninguém deixou o salão. Porque o medo de se comunicar com o Satanás? Assim como, de onde vinha a segurança em pedir a evocação e querer falar com o diabo?

As duas atitudes são fundamentais para compreendermos as ressignificações acerca da figura do diabo em seu tempo histórico, e que memórias se articulam no imaginário do grupo espírita inglês ao falar do diabo, certamente já não é a mesma figura da antiguidade, nem mesmo do medievo, mas então que[m] é o diabo/satanás?

Luther Link (1998), apresenta a diferença entre diabo e satanás. A origem da palavra satã é mais antiga que diabo, “em todas as línguas ocidentais, este último termo é o mesmo: *devil, diable, diablo, diavolo, Teufel*. E todas as línguas que têm esse termo também possuem o termo satã.” (LINK, 1998, p. 24). O autor continua afirmando que embora sejam mais ou menos a mesma coisa, não há diabo sem satã, e não há satã sem diabo.

*Satan* é uma palavra hebraica que em geral significa adversário, nada mais. Às vezes ele é um ser humano, às vezes uma figura celestial. Em Jó, no antigo testamento, Satã é um membro do conselho de Deus. Satã é um posto, seja de inspetor, seja de promotor. Satã é um título, não é nome de ninguém. Satã não é o Diabo (embora viesse a se tornar o Diabo em comentários cristãos). (LINK, 1998, p. 24)

Em (*Mateus, 16:23*), “Jesus virou-se e disse a Pedro: “Para trás de mim, satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”. A figura do Satanás vai sendo confundida também com a palavra diabo, Satã deixa de ser apenas o adversário do antigo testamento definido na Bíblia de Jerusalém, e começa a se distinguir dos valores celestiais, reafirmando a diferença entre o mundo espiritual (Deus) e o mundo material (Satanás/Diabo). Nessa visão, quanto mais o homem está ligado aos valores materiais, mais está distante de Deus e, por seu turno, mais próximo ao diabo.

Luther Link (1998, p. 25) afirma que essa confusão dos significados só foi possível trezentos anos antes de Cristo quando os “judeus alexandrinos ao verterem o Antigo Testamento para o grego, traduziram *satan* hebraico para o grego *diabolos*. É por isso que o Diabo do Antigo e o do Novo Testamento têm o mesmo nome, embora não signifiquem a mesma coisa.”

A palavra grega *diabolos* significa acusador ou difamador, de acordo com Link (1998), é este conceito que dará origem a palavra Diabo, o adversário de Deus, que irá permear principalmente os evangelhos de Lucas (4: 2,3,5,9,13; e 8: 12.) e Mateus (4: 1,5,8,11; Mateus, 13:

39; Mateus, 25: 41.) no Novo Testamento. Não é o objetivo deste artigo, construir a história do diabo, mas, tentar compreender suas representações no final do século XIX, especificamente qual representação era concebida pelo grupo espiritista, na Inglaterra dos anos 1859. Para tanto, faremos uma breve digressão ao tema buscando situar as bases da construção dessa representação.

A referência ao diabo e/ou *satã* é demasiado antiga. Sua trajetória talvez pudesse ser anterior ao mundo judaico, mas, é neste em que se funda a tradição herdada ao pensamento cristão sobre o diabo, que teve em seu seio uma diversidade de culturas que influenciaram nas diversas definições que esse termo recebera na história do homem ocidental. Nogueira (2002), deste modo, apresenta, em sua obra, como a Igreja Católica durante sua história vai se apropriar desse conceito, e representá-lo em suas práticas religiosas em diferentes tempos e contextos históricos, (re)criando, (re)inventando, (re)significando os conceitos de diabo, construindo várias representações para ele, as quais irão permear o imaginário do mundo cristão.

Nos tempos medievos, como afirma Luís Adão da Fonseca, prefaciando a obra de Nogueira (2002), são muitas as formas escolhidas para representar o diabo:

No entanto, a monstruosidade horrível domina as descrições e iconografia. É uma forma de representação. [...] o demônio não tem aspecto corpóreo, sendo o homem, submergido na cultura e mentalidade próprias de cada época [...] a sua representação (pelo discurso, pela afetividade, pela iconografia) é sempre produto da História. Monstruoso ou atraente, é sempre aparente a forma escolhida e momentâneo o caráter adotado. De qualquer modo, de acordo com a mesma tradição, o demônio – anjo caído – é criatura maravilhosa na sua inteligência e vontade. (FONSECA apud NOGUEIRA, 2002, p. 10)

Fonseca (apud Nogueira, 2002), trazendo as ideias de São Tomás de Aquino, destaca que “quando os homens, cometendo o pecado, são conduzidos a esse fim, isto é, à aversão a Deus, caem sob o regimento e governo do diabo, e este pode ser chamado a sua cabeça”. Nesse excerto, o autor demonstra como o diabo no medievo fará viva a representação da antítese de Deus.

Independente das ações de outras práticas religiosas, como nos afirma Nogueira (2002, p. 11), “A cristianização da cultura europeia traz consigo uma viragem decisiva para a



história do imaginário. Mesmo se tendo em conta a presença de certas continuidades importantes, a mudança nos sistemas de representações mentais é evidente, seja na natureza do mundo sobrenatural, seja nas relações do homem com seu corpo”. No medievo, a relação com o diabólico se associa ao “mal”, sendo em grande medida o mal, a relação do indivíduo com o sobrenatural, a magia, que foi proibida pela Igreja, e, que mais tarde foi por ela escandalizada pela própria política inquisitorial, gerando temor, receio, medo e distanciamentos com o sobrenatural.

Contudo, pouco antes de aflorar o iluminismo, percebemos uma abertura no campo literário em que o diabo deixa de ser essa figura temerosa, intocável, passando a ser buscada. Tal posição é exemplificada pelo pacto do *Dr. Faustus* com o diabo, na obra do escritor inglês C. Marlowe (1586).

Não por acaso, a Inglaterra foi um dos países que aflorou o iluminismo, e rompeu com algumas tradições para o pensamento da época, inclusive com o conceito de diabo. Nesse contexto, o estudo voltado à religião não está mais preocupado na reafirmação das verdades inquestionáveis, como na filosofia escolástica. Para Hermann (2011, p. 318), “Ao procurar a essência do homem religioso e das religiões, o autor resgata a busca da origem do sentimento religioso que os iluministas imputaram à natureza humana, agora deslocada para o centro da vida social e das representações coletivas.” Ao questionar as verdades religiosas, filósofos iluministas apresentam o diabo como criação humana que estaria no campo das representações, sem o mesmo poder que representava em períodos anteriores.

Deste modo, a representação do diabo foi sendo ressignificada; o sobrenatural não mais fazia referência direta ao diabo, o medo já não era mais o mesmo, abria-se então espaço para diversões, curiosidades que envolviam diversos setores do convívio social, inclusive pesquisadores científicos que buscavam desmistificar tais manifestações.

O fenômeno das mesas girantes, no século XIX, é um exemplo interessante de que o sobrenatural não mais assusta. Manifestações mediúnicas ganham os grandes salões de Paris, Londres e outros grandes centros urbanos na Europa, de onde se expandem para outros continentes, como a América do Sul, chegando assim, ao Brasil. A publicação descritiva do culto espírita, em Brighton, pelo Diário de Pernambuco, se justifica pelo interesse da população brasileira às temáticas referentes aos fenômenos mediúnicos.

O fenômeno das “Mesas Girantes” também foi divulgado por outros periódicos brasileiros em 1853, como: *Jornal do Comércio* (RJ) e *Jornal O Cearense* (CE); As Mesas que giravam e respondiam aos seus interlocutores chamavam a atenção não só dos leigos, mas de cientistas da época, instigados pela busca da explicação racional de tais fenômenos. Entre esses intelectuais podemos mencionar o químico francês Michel Eugène Chevreul (1786-1889), o físico e químico inglês Michael Faraday (1791-1867), o físico francês Jacques Babinet (1794-1872), o educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), entre outros.

Para o Espiritismo, acreditar que o diabo é um ser preposto, por sua natureza, ao mal e condenado por toda a sua eternidade, seria duvidar da justiça e bondade de Deus, ou acreditar que Deus não seria a única potência soberana - logo deixaria de ser Deus. Na questão 131, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec (2004) ressignifica o conceito dos demônios: o mal deixa de ser representado em uma figura particular, e passa a ser associado a qualquer indivíduo. Na questão 115, Kardec (2004) pergunta: “Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?”, e segue com a resposta: “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si.” O mal, nesse sentido, existiria por conta da ausência de conhecimento, da ignorância.

O Espiritismo, desta feita, ajuda na redução dos medos e receios sobre o demônio e, em consequência, explica e favorece o contato com o “sobrenatural”. Há uma ânsia na busca pelos fenômenos mediúnicos e isso se torna bem visível na fonte que estamos analisando. Em Brighton (1859), o grupo espírita inglês desejava ter contato com o “sobrenatural”, queria conversar com personalidades históricas que não se faziam presentes em vida física.

No relato de Léon Gozlan ficam evidentes os pedidos públicos por evocações de Ben Jonson, Hesíodo, Henrique VIII, Confúcio, Roger Bacon, Aristóteles, Tomás Becket, Plutarco, Thomas Cromwell, Cícero, George Canning, entre outros. Após, conversarem com Sócrates, Master Packington e William Shakespeare, chega a vez de evocar o quarto escolhido para a conversa daquela noite fria de Brighton, nesse caso Satanás.

O presidente cheio de susto fez a pergunta [Onde está? E o que faz neste momento?].O incômodo dos espectadores argumentava de segundo em

segundo. A mão do Médiu voou horizontalmente sobre a mesa. Era tão completo o silêncio que se ouvia o ranger do lápis sobre o papel. De lugar em lugar murmurava-se: o Médiu escreve! O espírito das trevas está entre nós. Estremecendo, leu o Sr. Daniel o que o Satanás ditará. Foram estas as suas próprias palavras: - “Onde estou?”- “Na Índia.” - “O que faço?”- “Mato gente.” Advinha-se o efeito dessa resposta. Argumentou o terror naqueles que já tinham medo; irritou a temeridade dos livres pensadores e eram em grande número. [...] - Satanás, onde está neste momento o execrável Nana Saib? Está aqui! Sou eu! Satanás nos infernos, sou Nana Saib na Índia. Mas tenho pressa, preciso voltar pra lá. Acabaram de interrogar-me? Na sala, entre os crentes, só havia um sentimento; o horror. Aqueles que não eram de todo crentes, elevaram a voz para dizer:- Presidente, pedem-lhe para fazer ainda uma pergunta ao fidalgo velho. -Que pergunta, senhor?- Saiba dele quando acabará a guerra das Índias.-Satanás! Satanás! Satanás!- Senhor?-Quando acabará a guerra das Índias?-Nunca. A resposta produziu o efeito de um trovão. (GOZLAN, ed. 008, (IV), 1860, p. 8)

Satanás recebe o chamado, porém o que é instigante, ele vem como um opositor político dos ingleses, um oriental, o adversário, o execrável. Satanás possui uma identidade, reconhece sua origem à Índia, que se torna então o “lugar do satanás”. Mas, porque a Índia? Qual a ligação histórica da Inglaterra com a Índia?

A Índia que ainda não era unificada, a partir do século XVI e XVII teve sua costa ocupada inicialmente por portugueses, depois holandeses e franceses, e por último os britânicos. Os britânicos só vieram a ocupar parte da Índia no início do século XVII, a Índia era muito visada pelo sucesso de suas especiarias no mercado internacional, dominar essa região, era um trunfo essencial para o acúmulo de capital.

Os britânicos eram exemplos de burgueses que aos poucos foram modificando a ordem social estabelecida e fizeram surgir uma nova ordem social na Europa e em seus territórios ocupados ao redor do mundo, assim Eric Hobsbawm (1977) afirma em *A Era do Capital* que, a crença no progresso econômico e tecnológico fazem o capitalismo triunfar enquanto modo de produção dominante no século XIX. O avanço do capitalismo na Europa ocidental “foi desestruturando, com velocidade e profundidade variadas, tanto os fundamentos da vida material como as crenças e os princípios morais, religiosos, jurídicos e filosóficos em que se sustentava o antigo sistema.” (QUINTANEIRO, 2002, p.8).

Os britânicos possuíam diversas colônias espalhadas pelo globo, entre elas: as treze colônias que deram origem aos Estados Unidos, Guiana, Trinidad e Tobago na América;

Camarões, Quênia, Sudão britânico, Norte da Nigéria entre outras na África; Hong Kong, Índia, Malásia, Sudeste da Arábia Saudita/Omã, Austrália, Nova Zelândia entre outras na Ásia e Oceania;

Sobre a ocupação britânica na Índia, que é o que nos interessa no momento, Karl Marx (1853) pontua algumas características dessa dominação no seu texto “A Dominação Britânica na Índia”, publicado no Jornal londrino *New-York Daily Tribune*, afirma:

Não pode, contudo, restar qualquer dúvida de que a miséria infligida pelos Britânicos ao Indostão é de uma espécie essencialmente diferente e infinitamente mais intensiva do que a que todo o Indostão teve de sofrer anteriormente. Não aludo ao despotismo europeu, implantado sobre o despotismo asiático pela Companhia Britânica das Índias Orientais, e que forma uma combinação mais monstruosa do que qualquer das dos monstros divinos que nos assustam no templo de Salsette. Este não é um traço distintivo da dominação colonial britânica, mas apenas uma imitação dos Holandeses, e tanto é assim que, em ordem a caracterizar o trabalho da Companhia Britânica das Índias Orientais, basta repetir literalmente o que Sir **Stamford Raffles**, o governador *inglês* de Java, disse da velha companhia Holandesa das Índias Orientais. (MARX, 1982, p. 513-518) [grifo meu]

"A Companhia Holandesa, movida apenas pelo espírito do ganho e encarando os seus súbditos com menos atenção e consideração do que um plantador das Índias Ocidentais antigamente encarava um bando [de escravos] da sua plantação." (RAFFLES apud MARX, 1982, p. 513-518)

Karl Marx se dedicou a entender os mecanismos de funcionamento do sistema capitalista e suas consequências no horizonte social, afirma, antes mesmo de ocorrer a primeira guerra de independência indiana (1857), que a dominação inglesa na Índia, levou mais miséria aquela região. Entre vários exemplos que cita em seu artigo:

De 1818 a 1836, a exportação de fio da Grã-Bretanha para a Índia cresceu na proporção de 1 para 5200. Em 1824, a exportação de musselinas britânicas para a Índia mal chegava a 1 000 000 de jardas, enquanto em 1837 ultrapassou os 64 000 000 de jardas. Mas, ao mesmo tempo, a população de Dacca desce de 150 000 habitantes para 20 000. Este declínio nas cidades indianas famosas pelos seus tecidos não foi de modo algum a pior consequência. O vapor e a ciência britânicos destruíram, em toda a superfície do Indostão, a união entre a agricultura e a indústria manufactureira. (MARX, 1982, p. 513-518)

Os ingleses fazem os indianos comprarem os produtos ingleses e desarticulam as indústrias indianas até quebrarem, trazendo miséria, migrações internas e revoltas. O imperialismo inglês se estabelece. Maíra Baé B. Vieira (2012, p. 24) “O início da decadência indiana coincide com o início de seu contato com a Inglaterra”.

Os ingleses ignoraram por completo o papel da administração dos trabalhos públicos – a organização da irrigação, da fertilização do solo, etc. – resultando na deterioração da agricultura, o que submeteu a população a recorrentes epidemias e crises de fome que mataram milhões de pessoas em 1876, 1899 e 1919. (VIEIRA, 2012, p. 24)

Os indianos que até então estavam divididos em diversas tribos e grupos que não se congregava, tinha dificuldades de formar um exército unificado para enfrentar os ingleses.

A primeira guerra de independência indiana, também conhecida como revolta dos sipaios (cipaios), aconteceu logo após a conquista do último Estado independente da Índia, o Panjab (Punjab), como nos afirma Campos (2013, p.55).

o povo indiano cobrou sua liberdade com a Revolta de 1857-58 [...] Revolta que foi dirigida pelas velhas classes dominantes, as quais desejavam recuperar seus poderes perdidos, e mesmo contando com o apoio de entusiasmadas massas populares por vastos territórios, não possuía poderes e organização para combater os ingleses e foi derrotada. (CAMPOS, 2013, p. 55)

É nesse contexto que chegamos à figura do Nana Sahib, representado no culto espírita como o Diabo. Quem foi esse sujeito histórico que aparece como diabo na Inglaterra em uma sessão espírita?

Nana Sahib (1824-1858), de acordo com John William Kaye (1870), foi um dos quatro combatentes da liberdade indiana durante a primeira guerra de independência (1857-1858). O conflito se realizou com um levante em consequência às sações políticas imperialistas historicamente adotadas pelos ingleses, e da atuação da *British East India Company*, com a implantação de políticas de anexação de territórios indianos, a introdução de sistema britânico de educação e uma série de reformas sociais.

De acordo com Mukherjee (1994) e Kaye (1870), ao estourar a Primeira Guerra da Independência, Nana Sahib assume a liderança dos rebeldes em Kanpur, cidade às margens do rio Ganges. Depois de tomar Kanpur, o líder é proclamado *Peshwa*, espécie de primeiro ministro, e prega o confronto com os britânicos na Índia. Kanpur é recapturada pelos britânicos sob liderança do general Havelock - Julho de 1857 -, o que resultou em uma derrota das forças de Nana Sahib, sendo este dado como desaparecido. De acordo com Vieira (2012, p. 23), “Em 1858 o governo da coroa britânica é formalmente constituído, em consonância aos pesados investimentos do capital inglês aplicados na construção de ferrovias, e em 1876 é proclamado o India act que nomeava a Rainha Vitória imperatriz da Índia”.

A independência indiana do controle britânico só viria mesmo a acontecer aproximadamente cem anos depois, em 1947, com liderança política e pacifista decisiva de *Mohandas Karamchand Gandhi*, Mahatma Gandhi (1869-1948), assim como nos detalha este momento histórico o indiano Bidyut Chakrabarty (2005).

O discurso político que relaciona o “diabo” a liderança indiana Nana Sahib, permeia o imaginário nas manifestações religiosas; a representação do diabo se imbrica ao que o ocidental compreende por oriente, como afirma Edward Said (2003).

O limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto o território atravessado por esse limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal: **a curiosidade dos horizontes demasiado distantes do espaço e do tempo, terras desconhecíveis, origens dos homens e das nações**; a angústia inspirada pelas incógnitas inquietantes do futuro e do presente; a consciência do corpo vivido, a atenção dada aos movimentos involuntários da alma, aos sonhos, por exemplo; a interrogação sobre a morte; os harmônicos do desejo e de sua repressão; a imposição social, geradora de encenações de evasão ou de recusa, tanto pela narrativa utópica ouvida ou lida e pela imagem, quanto pelo jogo, pelas artes da festa e do espetáculo. (PANTLANGÉAN, 2003, p. 291)

O diabo é um Oriental, e assim é visto no relato de Léon Gozlan para um grupo inglês, fonte a corroborar com a teoria do *Orientalismo: o oriente como invenção ocidental* de Edward Said (2003).

O pesquisador Edward Said (2003, p. 38) afirma que “No que diz respeito ao Oriente, a padronização e a estereotipação cultural intensificaram o domínio da demonologia acadêmica e imaginativa do “Oriente misterioso”. ”Porém, o que chama atenção é que esse discurso chega às práticas religiosas, e no culto espírita na cidade de Brighton podemos constatar como as práticas religiosas corroboram com as representações presentes nas publicações acadêmico-literária dos ocidentais sobre o oriente.

Historicamente construídos, os conceitos de ocidente e oriente para além de uma distinção geográfica, apresenta uma distinção política. O ocidente para demonstrar a sua superioridade cultural, sente a necessidade de se diferenciar do oriente, forjando suas características em detrimento do outro: racional/irracional, cultura/exotismo, progresso/atraso e dominação/submissão. É na invenção do oriente, que o ocidente se (re)inventa enquanto modelo a ser seguido.

### **Considerações**

O artigo pretendeu analisar um discurso específico que cria representações – também diabólicas – acerca do Oriente, ainda no século XIX. Para o Espiritismo e filósofos iluministas, o diabo é uma criação humana, não precisa ser temido. O diabo não existe para os espíritas, são espíritos que, por ignorância, fazem o mal, mas que não estão fadados a serem maus eternamente.

Porém, vimos que a presença do diabo no imaginário social continua viva e se estabelece na sociedade em diversos lugares de memória. Por vezes é uma criação política, no intuito de criar distanciamentos do eu, meu grupo, minha cultura, com o outro, o “sem cultura”, “exótico”, “misterioso”, que necessita ser dominado por uma cultura superior.

Deste modo, o artigo vem corroborar com as pesquisas de Edward Said, em que o Oriente do qual temos contato (nós ocidentais), muitas vezes (ou na maioria delas) não passa de invenções ocidentais sobre ele.

No século XIX, o imaginário inglês sobre o oriente teve um peso tão grande que, mesmo os postulados da doutrina espírita apresentando que o diabo não existe, este se apresenta em um culto espírita na cidade de Brighton (1859), com a identidade de uma

personalidade política indiana, Nana Sahib, o qual anos antes havia se colocado e lutado contra a opressão dos ingleses na primeira guerra de independência indiana.

### Fontes

BÍBLIA - Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

GOZLAN, Leon. **Um serão no outro mundo**. Diário de Pernambuco – Recife, Quinta Feira 05 de Janeiro de 1860, edição 004, Folhetim (I). (p. 8)

\_\_\_\_\_. **Um serão no outro mundo**. Diário de Pernambuco – Recife, (Quarta-Feira) 11 de Janeiro de 1860, edição 008, Folhetim (IV). (p. 8)

### Referências

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 – 34.

CAMPOS, Bruno de. **Formação Social Indiana: Modo de Produção Asiático, Imperialismo e Industrialização Tardia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CHAKRABARTY, Bidyut. **Social and Political Thought of Mahatma Gandhi**. Estados Unidos da América: Routledge, 2005.

COLOMBO, C. B. **Ideias sociais espíritas**. Salvador: Comenius, 1998.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800 – Uma cidade sitiada**. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média – O nascimento do Ocidente**. [e-book] Brasília: ed. Brasiliense. 2001.

HERMANN, Jacqueline. **História das Religiões e Religiosidades** IN: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Dominios da historia : ensaios de teoria e metodologia** - Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital – 1848-1875**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LINK, Luther. **O Diabo – A máscara sem rosto**. Trad. Laura Teixeira de Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAYE, John William. **A History of the Sepoy War in India (1857-1858)**. v. II, London: W. H. Allen & CO, 1870.



KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. FEB : Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_, Allan. **O que é o Espiritismo?** Rio de Janeiro: Editora FEB, 2006.

MARX, Karl. A Dominação Britânica na Índia. In: Marx, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Tomo I. Lisboa: Edições Progresso Lisboa, 1982.

MUKHERJEE, Rudrangshu. **The Kanpur Massacres in India in the Revolt of 1857**. Past&Present.No. 142 (Feb., 1994), p. 169-178.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP : EDUSC, 2002.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STOLL, Sandra. J. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

QUINTANEIRO, Tania. BARBOSA, Maria L. de Oliveira. OLIVEIRA, Márcia G. Monteiro de. **Um Toque de Clássicos – Marx, Durkheim e Weber**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIEIRA, Maíra BaéBaladão. **A política externa indiana para a África no século XXI: condicionantes domésticos e sistêmicos**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WANTUIL, Z. e THIESEN, F. **Allan Kardec: o educador e o codificador**, vol. I. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

Artigo recebido em 09 de dezembro de 2015. Aprovado em 28 de julho de 2016.